

Edições Versus Capitalismus
Anti-Copyright
2009



Os Destruidores de Máquinas
Em Homenagem aos Luditas

Christian Ferrer



EDIÇÕES VERSUS CAPITALISMUS

Edições *Versus Capitalismus*
Edi.vs.capitalismus@gmail.com

Os Destruidores de Máquinas

Autor: Christian Ferrer

Titulo Original: Los destructores de máquinas; en homenaje a los luditas



Texto retirado de Cabezas de Tormenta; ensayos sobre lo ingobernable (pepitas de calabaza) e traduzido do castelhano em Novembro de 2009

apagado do queixume daqueles que foram enforcados em 1813. E talvez tenha escrito tudo isto com a única finalidade de ouvir melhor o Ben. Prende e atrain-me o seu fiozinho de voz como o faria a qualquer semelhante que percorresse este labirinto.

Os Destruidores de Máquinas

Em Homenagem aos Luditas

O Código Sangrento

Desde antigamente que a força tem sido um castigo ignominioso. Se se meditar sobre a sua familiaridade estrutural com o pelourinho, compreendemos porque se localiza no mais alto escalão reservado ao denegrimento de uma pessoa. Só os estratos sociais delinquentes ou refractários mais baixos tinham direito a ela: quem não se punha de joelhos era rebaixado à força. Alguns famosos injustiçados da época moderna foram mártires: recordamos Parsons, Spies e os seus companheiros de patíbulo, tenuemente a cada 1º de Maio. Mas poucos recordam o nome de James Towle, que foi em o último «destruidor de máquinas» a quem se quebrou o pescoço em 1816. Caiu no poço da força a gritar um hino ludita até que as suas cordas vocais se fecharam num único nó. Um cortejo fúnebre de três mil pessoas cantou o final desse hino por sua vez, *a capella*. Três anos antes, catorze acusados balancearam-se em outros tantos cadafalsos alinhados devido à prática de «ludismo», denominação de um novo crime recentemente legislado. Naquela altura existiam dezena de crimes tipificados pelos quais os seus autores entravam no reino dos céus através do nó de uma corda. Por assassinato, por adultério, por roubo, por blasfémia, por dissidência política, muitos eram os actos pelos quais se poderia perder a vida. Em 1830 enforcou-se um rapaz de nove anos somente por ter roubado um giz de cor, e assim foi até 1870 quando um decreto humanitário os definiu em quatro categorias. As duras leis que contemplavam toda a gente ficaram

conhecidas como *The Bloody Code*. Mas o ludismo constituiu-se como um crime capital insólito: desde 1812 que maltratar uma máquina custava a pele. De facto, poucos recordam os luditas, os «*ludds*», nome que utilizavam entre si. Por vezes, aspectos dessa sublevação popular, que se tornou famosa devido à destruição de máquinas, foram recuperados por tecnocratas neo-liberais ou por historiadores progressistas e foram exibidas com um exemplo do absurdo político: «reivindicações reaccionárias», «etapa artesanal da consciência trabalhadora», «revolta dos operários têxteis em trajes de camponês». Em fim, nada que se aproxime da verdade. Uns e outros repartiram em partes iguais a condenação do movimento ludita, refutação que no primeiro caso serve interesses e no segundo é fruto da ignorância e do preconceito. A imagem que tanto à direita como à esquerda se tem dos luditas é a duma tumultuosa horda simiesca de pseudo-camponeses furiosos que golpeiam e esmagam as flores de ferro onde as abelhas do progresso libavam. Em suma: o mapa que assinala o limite da última rebelião medieval. Ali, uma paleontologia; aqui, um bestiário.

Ned Ludd, fantasma

Tudo começou a 12 de Abril de 1811. Durante a noite, trezentos e cinquenta homens, mulheres e crianças, lançaram-se contra uma fábrica de têxteis em Nottinghamshire, destruindo os seus grandes teares a golpes de maça e ateando fogo às suas instalações. O que ali se passou desde logo se tornou folclore popular. A fábrica pertencia a William Cartwright, fabricante de tecidos de má qualidade, mas que estava apetrechado de maquinaria nova. A fábrica, ela própria, era naquela altura um novo fungo na paisagem: o habitual era o trabalho feito em pequenas oficinas. Setenta outros teares foram destruídos nas redondezas nessa mesma noite. O incêndio e o feixe das maças desde logo se deslocaram para os condados vizinhos de Derby, Lancashire e York, o coração de Inglaterra no início do séc. XIX e centro de gravidade da Revolução Industrial. O rastro que

programação televisiva. Vivemos na época da taquicardia, como a definiu sarcasticamente Martínez Estrada. Remontar ao curso da história contracorrente com o objectivo de repousar no olho dos seus furacões é tarefa que só um Orfeu pode enfrentar. Ele entrou no mundo dos mortos com melodias que destrancaram ferrolhos perfeitos. Nós só podemos guiar-nos pelos lampejos espectrais que estoiram em livros antigos: sopros agónicos entre farrapos linguísticos. Qualquer outro rastro já se desfez nos elementos. Mas se os elementos fossem capazes de articular uma linguagem, então podiam devolver-nos a memória guardada em tudo aquilo que circulou pelo seu «corpo» (por exemplo, todos os remos que fenderam a água em todos os tempos, ou todas as ferraduras que pisaram a terra, e assim). Por sua vez, o ar devolveria a totalidade das vozes que foram lançadas pelas bocas de todos os humanos que existiram desde o começo dos tempos. De facto, milhões são as palavras ditas a cada minuto. Mas nenhuma se teria perdido, nem sequer a dos mudos. Todas teriam ficado registadas na transparência atmosférica, cuja relação com a audibilidade humana ainda está para ser investigada: seria algo como quando os dedos das crianças rabiscam rápidos *graffittis* ou nervosos corações em vidros embaciados pelo próprio alento. Se se pudesse traduzir esse arquivo oral para a nossa linguagem, então todas as coisas ditas voltariam num só instante compondo a voz de uma runa maior ou da memória total da história. No vento semearam-se vozes que são conduzidas de época a época; e qualquer ouvido pode colher o que noutros tempos foi tempestade. O vento é um tão bom condutor de memórias porque o dito foi tão necessário como involuntário, ou talvez porque às vezes sentimo-nos mais perto dos mortos do que dos vivos. De tantas coisas ditas, não posso nem quero deixar de escutar o que Ben, um velho ludita, disse a uns historiadores locais do Condado de Derby, cinquenta anos depois do que se passou: «Amarga-me tanto que as pessoas de hoje em dia interpretem mal as coisas que nós fizemos, os luditas». Mas como poderia alguém, então, na plena euforia do progresso, prestar ouvidos às verdades luditas? Não havia, e ainda não há, uma audição possível para as profecias dos derrotados. A queixa de Ben constituiu a última palavra do movimento ludita, por sua vez um eco

terem pendurado o último ludita. William Cartwright continuou com a sua indústria lucrativa e prosperou, e o modelo fabril teve uma metástase. Um dos seus filhos suicidou-se nada mais, nada menos do que no meio do Palácio de Cristal, durante a Exposição Mundial de produtos industriais de 1851, mas o troar do movimento da sala das máquinas amenizou o barulho do disparo. Quando alguns anos depois desses acontecimentos um espião local – um judas –, que tinha ficado nas imediações, morreu, a sua campa foi profanada e o corpo exumado foi vendido a estudantes de medicina. Alguns luditas foram vistos vinte anos mais tarde quando se fundaram em Londres as primeiras organizações de trabalhadores. Outros que tinham sido confinados em terras estranhas deixaram alguns rastros na Austrália e na Polinésia. Semelhantes itinerários podem ser rastreados depois da Comuna de Paris e da Revolução Espanhola de 1936. Mas a maioria dos habitantes daqueles quatro condados parecem ter feito um *pacto de anonimato*, referendando aquela anterior omertá chamada «Ned Ludd»: nos vales ninguém voltou a falar da sua participação na rebelião. A lição tinha sido dura e lei da tecnologia era-o ainda mais. Talvez, de vez em quando, nalguma taberna, alguma palavra, alguma canção; sobras que ninguém registou. Foram um aborto da história. Ninguém aprecia esse tipo de despojos.

Vozes

Porquê perder tempo com a história de Ned Ludd e dos destruidores de máquinas? Os seus actos de fúria sobrevivem tenuemente nas brevíssimas notas de rodapé do grande livro autobiográfico da humanidade e a consciência da sua história é anónima, muito frágil e quase absurda, o que às vezes gera curiosidade, mas na maioria das vezes o desinteresse por aquilo que não merece continuação. Este não é século com que perder tempo: o burguês do século passado podia dar-se ao luxo de se recrear lentamente com uma revista, mas as audiências deste século dispõem apenas de um par de horas para folhear a

tinha partido da povoação de Arnold expandiu-se sem controlo pelo centro de Inglaterra durante dois anos, perseguido por um exército de dez mil soldados sob o comando de Thomas Maitland. Dez mil soldados? Wellington comandava bastante menos quando principiou a suas movimentações contra Napoleão a partir de Portugal. Mais do que contra a França? Tem sentido: os ares de França pairavam nas imediações e nas intimidações, mas não era a França napoleónica o fantasma que assombrava a corte inglesa, mas sim a assembleária. Só tinha passado um quarto de século desde o Ano I da Revolução. Dez mil. O número é um índice do quão difícil foi acabar com os luditas. Talvez porque os membros do movimento se confundiam com a comunidade. Num duplo sentido: contavam com o apoio da população, *eram* a população: Maitland e os seus soldados procuraram desesperadamente Ned Ludd, o seu líder. Mas não o encontraram. Jamais o *poderiam* ter encontrado, porque ele nunca existiu: foi um nome próprio inventado pelos populares para despistar Maitland. Outros líderes que assinaram cartas fraudulentas, de ameaças ou de petições se intitulavam de «Mr. Pistol», «Lady Ludd», «Peter Plush» (felpa), «General Justice», «No King», «King Ludd» e «Joe Firebrand» (o incendiário). Algum remetente dizia que o selo dos correios tinha sido estampado nos próximos «Bosques de Sherwood». Uma nova mitologia sobrepunha-se a outra mais antiga. Os homens de Maitland viram-se obrigados a recorrer a espiões, a agentes provocadores e a infiltrados, que até então eram um recurso pouco essencial da logística utilizada em casos de guerra externa. Aqui se vê uma rápida reorganização da força policial, à qual agora chamamos «inteligência».

Se os acontecimentos que conseguiram destabilizar o país e o Parlamento foram devorados pela incineradora da história, foi justamente porque o objectivo dos luditas não era político, mas sim social e moral: não queriam o poder, mas sim o abrandar da dinâmica duma industrialização desenfreada. Uma ambição impossível. Apenas restam testemunhos: algumas canções, actas de julgamentos, relatórios de autoridades militares e de espiões, notícias de jornais, cem mil libras de prejuízo, uma sessão no Parlamento que lhes foi dedicada, e pouco mais. E os

factos: dois anos duma violenta luta social, cem mil máquinas destruídas, um exército enviado para «pacificar» as regiões sublevadas, cinco ou seis fábricas queimadas, quinze luditas mortos, treze deportados para a Austrália, outros catorze enforcados de frente das muralhas do castelo de York, e alguns últimos suspiros. Porque sabemos tão pouco sobre as intenções dos luditas e sobre a sua organização? A própria fantasmagoria de Ned Ludd explica-o: foi uma sublevação sem líderes, sem organização centralizada, sem livros capitais e com um objectivo quimérico: discutir de igual para igual com os novos industriais. Mas nenhuma sublevação «espontânea», nenhuma greve «selvagem», nenhum «estalar» de violência popular parte do nada. Leva anos a incubar, gerações que transmitem uma herança de maus-tratos, povoações inteiras a macerar saberes de resistência: às vezes, séculos inteiros são vertidos num só dia. A espoleta, geralmente, parte do adversário. Até 1810, a subida dos preços, a perda de mercados por causa da guerra e um complô dos novos industriais e dos distribuidores de produtos têxteis de Londres para que estes não comprassem mercadoria às oficinas das pequenas aldeias têxteis, acendeu o rastilho. Por outro lado, as reuniões políticas e a liberdade de imprensa tinham sido proibidas com a desculpa da guerra contra Napoleão, e a lei proibia a emigração dos tecelões, mesmo que estivessem a morrer de fome: a Inglaterra não deveria entregar os seus *experts* ao mundo.

Os luditas inventaram uma logística de urgência. Ela abarcava um sistema de delegados e de correios humanos que percorriam os quatro condados, juramentos secretos de lealdade, técnicas de camuflagem, sentinelas, organizadores de roubo de armas no campo do inimigo e pintadas nas paredes. E, para além disso, sobressaiam na velha arte de compor canções de guerra, às quais chamamos hinos. Num dos poucos que foram compilados pode-se escutar: «Ela tem um braço/ E mesmo só tendo um/ Há magia nesse único braço/ Que crucifica milhões/ Destruamos o Rei Vapor, o selvagem Moloch», e noutra: «Noite após noite, quando tudo está calmo/ Quando a lua já cruzou a colina/ Marchamos para fazer a nossa vontade/ Com machado, espada e espingarda!». As maças que

Em Janeiro de 1813 é apanhado George Mellor, um dos poucos capitães luditas capturados, e poucos meses depois foi a vez de outros catorze que tinham atacado a propriedade de Joseph Ratcliffe, um poderoso industrial. Não havia qualquer antecedente de que na Inglaterra tantos tivessem sido hospedados pela força num só dia. Esse número é também um índice. O governo tinha oferecido saborosas recompensas nas suas povoações de origem em troca de informações incriminatórias, mas todos os aldeões que se apresentaram para receber a recompensa deram informações falsas e usaram o dinheiro para pagar a defesa dos acusados. Ainda assim, a possibilidade de que houvesse um julgamento justo estava fora de questão, apesar das fracas provas contra eles. Os catorze condenados ao cadafalso em frente dos muros de York encaminharam-se para a sua última hora a cantar um hino religioso, *Behold the Saviour of Mankind*. Eram metodistas na sua maioria. Quando a rebelião se estendeu pelos quatro costados da região têxtil, o quadro de implicados complicou-se: democratas seguidores de Tom Paine (denominados «painistas»), religiosos radicais, alguns dos quais herdavam o espírito dos grupos exaltados do século anterior - *levellers*, *ranter*s, *southscottians*, etc. -, organizadores de sindicatos iniciantes (entre os luditas aprisionados existiam não apenas tecelões mas sim todo o tipo de ofícios), emigrantes irlandeses jacobinos. Sempre acontece: o internacionalismo é velho e nas épocas antigas era conhecido sob o nome de espartaquismo.

Todos os dias as cidades dão baixa a milhares e milhares de nomes, todos os dias se desfazem na memória as sílabas dos incontáveis apelidos do passado humano. As suas histórias são sacrificadas em cenotes obscuros. Ned Ludd, Lord Byron, Cartwright, Perceval, Mellor, Maitland, Ogden, Hoyle, nenhum nome se deve perder. O general Maitland foi bem recompensado pelos seus serviços: deu-se-lhe o título nobiliárquico de Baronete e foi nomeado Governador de Malta, depois Comandante-chefe do Mar Mediterrâneo e depois Alto-Comissário para as ilhas Jónicas. Antes de se reformar, ainda teve tempo de esmagar uma revolução na Cefalônia. Perceval, o Primeiro-Ministro, foi assassinado por um louco, ainda antes de

responsáveis, para recolher pedaços de máquinas partidas e para voltar aos seus acampamentos perante o gozo das velhas e a vaia das crianças.”

Junta a isso uma súplica: “*Não há já sangue suficiente no vosso código legal para que seja preciso derramar ainda mais para que ascenda ao céu e testemunhe contra vós? E como se fará cumprir a lei? Coloca-se uma força em cada povoação e far-se-á de cada homem um espantalho?*” Mas ninguém o apoia. Byron decide então publicar num jornal um poema perigoso no qual se pode ler nos últimos versos:

*“Alguns vizinhos pensaram, sem dúvida, que era chocante,
Quando a fome clama e a pobreza geme,
Que a vida tenha menos valor que uma mercadoria
E a destruição de um armazém leve à quebra dos ossos.
Se assim tem de ser, espero, então
(E quem recusaria ter a mesma esperança)
Que os esqueletos dos estúpidos sejam os primeiros a serem partidos,
Os quais, quando se lhes pergunta por um remédio, recomendam uma corda.”*

Talvez tenha Lord Byron sentido simpatia pelos luditas, ou, quem sabe – sendo ele uma *dandy* ao fim e ao cabo – detestasse a cobiça dos comerciantes, mas, concerteza, não chegou a dar conta de que a nova lei representava, de facto, o parto simbólico do capitalismo. Byron viverá o resto da sua vida no Continente. Um pouco antes de abandonar Inglaterra publica um verso solto que tinha como conclusão “*Down with all the kings but King Ludd.*”¹

os luditas utilizavam provinham da fábrica Enoch. Por isso cantavam «A Grande Enoch irá à frente/ Detenha-a quem se atreva, detenha-a quem possa/ À frente os homens valentes/ Com machado, espada e espingarda!». A imagem da maça irá transcender a breve epopeia ludita. Na iconografia anarquista do princípio do século, Hércules sindicalizados costumam aparecer a ponto de esmagar com uma grande maça não já máquinas, mas sim todo o sistema fabril. Todos estes *blues* da técnica não devem fazer perder de vista que as autoridades não só queriam esmagar a sublevação popular, como também procuravam impedir a organização de grupos operários, numa época em que somente os industriais estavam unidos. Carbonários, conjurados, a Mano Negra de Cádiz, sindicalistas revolucionários: no século passado a força foi a forma para muitas intenções sediciosas.

«Fair Play»

Já ninguém recorda o que significaram noutros tempos as palavras «preço justo» ou «renda digna». Nessa altura, como agora, uma estratégia de substituição e aceleração tecnológica e de realinhamento forçado das povoações, destorcias as paisagens. Roma construiu-se em sete séculos, Manchester e Liverpool em apenas vinte anos. Mais tarde, eram implementados enclaves na Ásia e na África em apenas duas semanas. Ninguém estava preparado para uma mudança numa tal escala. A mão invisível do mercado é de uma taticidade diferente do tratamento dado nos mercados visíveis e à mão. A introdução sem consulta de nova maquinaria, a evicção semi-obrigada das aldeias e a sua concentração em novas cidades fabris, a extensão do princípio do lucro indiscriminado e o descentramento violento dos costumes, foram as sementes do cultivo da rebelião. Mas o lugar comum não existiu: os luditas não renegavam *toda* a tecnologia, mas apenas aquela que representavam um mal moral para o mais comum; e a sua violência não foi dirigida contra as máquinas em *si mesmas*

¹ “Abaixo todos os reis menos o Rei Ludd”

(óbvio: não partiam a sua bem complexa maquinaria) mas contra os símbolos da nova economia política triunfante (concentração nas fábricas urbanas, maquinaria impossível de adquirir e de ser administrada pelas comunidades). De todos os modos, nem sequer inventaram a técnica que os tornou famosos: destruir máquinas e atacar a casa do patrão eram tácticas habituais para forçar o aumento dos salários desde há pelo menos cem anos. Muito em breve se saberá que as novas engrenagens podiam ser aferradas por trabalhadores com mãos inexperientes e com os bolsos vazios. A violência foi contra as máquinas, mas o primeiro sangue a correr foi o dos fabricantes. De facto, o que alarmou na actividade ludita foi a sua *nova modalidade simbólica da violência*. De tal forma que uma consequência inevitável da rebelião foi uma maior relação entre os grandes industriais e a administração estatal: é um pacto que já não se irá quebrar.

Os luditas ainda nos põem questões: Há limites? É possível uma oposição à introdução de maquinaria ou de processos laborais quando estes são prejudiciais para a comunidade? Têm importância as consequências sociais da violência técnica? Existe um espaço de debate para as opiniões comunitárias? Podem-se discutir as novas tecnologias da «globalização» sobre preceitos morais e não somente sobre considerações estatísticas e planificadoras? A novidade e a velocidade operacional são valores? A ninguém escapará a actualidade dos temas. Estão entre nós. O ludismo percebeu de uma forma aguda o início da era da técnica, por isso expuseram o «tema da maquinaria», que não é tanto uma questão técnica como política ou moral. Nessa altura, os fabricantes e os *squires* proprietários acusavam os luditas do crime de jacobinismo; hoje os tecnocratas acusam os críticos do sistema fabril de serem nostálgicos. Mas os *Ludds* sabiam que não estavam somente a enfrentar cobiçosos fabricantes de tecidos como também a violência técnica da fábrica. Futuro anterior: pensaram a modernidade tecnológica adiantadamente.

Epílogos

O dia 27 de Fevereiro de 1812 foi um dia memorável para a história do capitalismo, mas também para a crónica das batalhas perdidas. Os pobres violentos são um tema parlamentar: habitualmente são apenas tema quando se referendam e limitam conquistas já conseguidas de facto, ou quando se limam algumas arestas excessivas de alguns planos com orçamentos dispendiosos, mas ainda mais normalmente quando se debatem medidas exemplares. Nesse dia Lord Byron participou no Parlamento pela primeira e última vez. Desde Guy Fawkes, que se empenhou em fazê-lo explodir, ninguém se tinha empenhado a entrar na Câmara dos Lordes para a contradizer. Durante a sessão, presidida pelo Primeiro-ministro Perceval, discute-se a pertinência de agregar um inciso que falta à pena capital, que ficará conhecido como *Frame-breaking bill*: a pena de morte pela destruição de uma máquina. São os *Lords* vs *Ludds*: cem contra um. Naquela altura Byron estava a trabalhar intensamente no seu poema *Childe Harold*, mas arranjou algum tempo para visitar as zonas sediciosas para ter uma ideia própria da situação. Já o projecto-lei tinha sido aprovado na Câmara dos Comuns. O futuro Primeiro-Ministro William Lamb (Guilherme Ovelha) votou a favor, não sem ter aconselhado o resto dos seus comparsas a fazer o mesmo porque «o medo da morte tem uma poderosa influência na mente humana». Lord Byron tentou uma admirável defesa, mas inútil. Numa passagem do seu discurso, ao mesmo tempo em que trata os soldados como um exército de ocupação, expõe a rejeição que isso tinha criado entre a população:

“Marchas e contramarchas! De Nottingham a Bulwell, de Bulwell a Banford, de Banford a Mansfield! E quando finalmente os destacamentos chegavam ao seu destino, com todo o orgulho, pompa e circunstância própria de uma guerra gloriosa, faziam-nos apenas a tempo de serem espectadores do que tinha sido feito, para testemunhar a fuga dos